

## Um livro seminal

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

O meu primeiro contato com o universo literário de Ortega Y Gasset deu-se no Ginásio Diocesano de Patos, sob a sábia, rígida e religiosa orientação do Monsenhor Manuel Vieira, que foi Secretário de Educação e Deputado Federal, pela Paraíba.

O ato, ou melhor, a descoberta do grande escritor, foi obra do acaso.

Aliás, George Bernanos dizia que o acaso era a lógica de Deus.

E, no meu caso, o foi.

Idos de 1955, o ano da morte do extraordinário pensador, o Monsenhor Vieira convoca-me ao seu gabinete, dizendo que eu fora escolhido para fazer o discurso de saudação ao professor Manoel Oliveira, titular das cadeiras de geografia e história, que aniversariava naquele dia.

Na hora do convite, o Padre Vieira acabara a leitura de *A Rebelião das Massas*, de Ortega Y Gasset, e grifaria, bem visível, a sentença do mestre ibérico, que lembrava ser *o homem um animal de hábitos*.

Pedi-lhe, por empréstimo, o livro, e o li de uma só cajadada.

Ainda, hoje, quem sabe, seria capaz de recitar frases que ornaram aquela jóia literária.

Afinal, como ele dizia, “eu sou eu e minhas circunstâncias”.

Assim, passei a ser um encantado com o texto, a filosofia, o estilo, a limpidez verbal e a densidade temática do autor do clássico ensaio “Meditações do Quixote”.

Em vida, acalentou o sonho de construir um espaço de liberdade.

Por isso, madrugou nos caminhos do existencialismo.

Bem antes de Sartre proclamar “que o homem está condenado a ser livre”, Ortega Y Gasset, em 1929, no seu antológico – “O Que é Filosofia?” – afirmava soberbo: “O homem é forçado a ser livre”.

Foi, sem dúvida, um filósofo diferente, “não se atendo à subjetividade de Kierkegaard, nem ao viés político-social de Sartre ou às potências do ser de Heidegger”.

Para o autor de “Missão do Bibliotecário”, “viver é entender”.

Um existencialista, pois, de resultados, que produziu um livro seminal, eterno e sempre moderno.